

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A Cinemateca com o Queer Lisboa

Resgatar Futuros: O Cinema Queer Vê-Se ao Espelho

25 de Setembro de 2026

BLACK IS... BLACK AIN'T / 1994

um filme de Marlon Riggs

Realização e Argumento: Marlon Riggs (e Christiane Badgley) / **Imagem:** Robert Shepard / **Montagem:** Christiane Badgley / **Música:** Mary Watkins / **Com:** Marlon Riggs, Angela Davis, Essex Hemphill, Bell Hooks, Cornel West, B. Smith, Bill T. Jones.

Produção: David Lautrec Productions, Signifyin' Works (Estados Unidos) / **Produtores:** Marlon Riggs, David Lautrec, Nicole Atkinson / **Cópia:** em DCP, cor, versão original em inglês, com legendas eletrónicas em português / **Duração:** 87 minutos / **Primeira apresentação pública:** Junho de 1994, New York Lesbian and Gay Film Festival (Estados Unidos) / **Primeira exibição na Cinemateca.**

As palavras contam. “‘Coloured’ é a palavra dos brancos para os pretos”, diz-se a dada altura em **Black Is...Black Ain't**. Negro, preto, afroamericano, crioulo, são diferentes termos usados pelos vários participantes de um filme que aborda a noção do que é ser “black” e o preconceito, não apenas dos “americanos brancos”, mas também dos “americanos negros”, no que respeita à sua nomeação/definição. “Acho que temos uma obsessão por nomearmo-nos porque fomos sempre nomeados por outros”, diz um dos entrevistados.

Black Is...Black Ain't, o último filme do realizador Marlon Riggs, mergulha no centro de debates sobre a identidade negra de meados dos anos noventa, através de um testemunho muito pessoal e de uma montagem de entrevistas com pessoas comuns, activistas, pensadores, que nos dão a sua perspectiva sobre o que é ser “negro/preto”. Mas a grande singularidade do filme de Riggs reside no ponto de vista de um homem negro, que faz parte da comunidade gay norte-americana, e que está infectado com o HIV. Em **Black Is...Black Ain't** encontramos Riggs à beira da morte, sendo as suas últimas palavras proferidas a partir da cama do hospital em que se encontra.

Um filme que faz assim parte de um “cinema positivo”, como lhe chamou Augusto M. Seabra, num ciclo por si programado dedicado ao cinema e ao VIH, em que no final dos anos noventa se exibiu em Portugal **Silverlake: The View From Here** (Tom Joslim e Peter Friedman, 1993), um duríssimo trabalho em vídeo de cariz autobiográfico, que termina com a morte de um dos seus realizadores, Tom Joslim. Marlon Riggs também morre durante a produção de **Black Is...Black Ain't**, mas o seu filme (que é realizado um ano depois de

Silverlake) foca-se menos na doença, do que nos estereótipos, e do que é ser homossexual no seio da comunidade negra.

Black Is...Black Ain't corresponde ao culminar do cinema activista de Marlon Riggs, sucedendo a um outro projecto para a PBS sobre a identidade gay, **Tongues Untied**, que, realizado em 1989, gerou controvérsia, conferindo-lhe uma grande visibilidade. Aqui Riggs e a sua equipa viajaram pelos Estados Unidos para recolher diferentes vozes, misturando dança (a forte presença do coreógrafo e bailarino Bill T. Jones), a poesia (as palavras de Essex Hemphill), a música, citações literárias e entrevistas com pensadores negros como Angela Davis, Cornel West, bell hooks e Michelle Wallace. Muitos intervenientes confessam o facto de ter sido ao longo da sua vida excluídos por outros negros por não serem considerados "suficientemente negros" ou por serem "demasiado negros", questionando **Black Is...Black Ain't** as ideias fixas da identidade negra, confrontando a homofobia, o racismo, mas também o machismo e outras formas de segregação dentro da "comunidade" afroamericana. Cornel West afirma: "Não existe uma única grande comunidade negra." E cita-se a dada altura Malcolm X: "Somos mil e uma cores diferentes".

O filme explora assim a multiplicidade de expressões e a experiência negra na América, revelando como não existe uma definição única do que significa "ser negro", mas uma panóplia de identidades, rejeitando as generalizações e revelando-nos um saboroso "caldo" multicultural (há a metáfora do prato cozinhado pela avó do cineasta). Produzido pela Signifyin' Works, a produtora que Riggs criou em 1991 para realizar os seus trabalhos, o nome diz tudo. Há uma sequência que Riggs não descuro: um plano dele a correr despido na floresta. "É fácil para mim fazer o paralelo", diz, "de (eu) estar confinado na floresta e uma comunidade confinada pelas suas próprias noções de identidade."

Riggs acreditava que a comunidade negra perpetuava e aprofundava a sua própria opressão ao distinguir os seus membros de acordo com o género, origem e orientação sexual. É nessa sequência que vemos imagens de **Portrait of Jason**, um filme extraordinário de Shirley Clarke, rodado em 1967 com um estilo de cinema directo, em que se retrata Jason Holliday, homem gay afro-americano, que se revela perante a câmara de Clarke numa verdadeira performance.

Marlon Riggs morreria em Abril de 1994, com apenas 37 anos, mas deu indicações expressas sobre como o filme deveria ser montado, tendo este sido terminado pela produtora Nicole Atkinson e pela montadora Christiane Badgley.

Joana Ascensão